

3. Guaranis: Os costumes e trajetória de um povo que resiste

A literatura consultada sobre os guaranis foi baseada em alguns trabalhos que, por sua vez, seguiram suas próprias fontes. Essas fontes são vastas, geralmente relatos de jesuítas e viajantes que aqui estiveram, porém são relatos que ocorreram após a colonização ibérica na América. Já as fontes atuais, procuram demonstrar a nova estruturação que o povo guarani adquiriu e vem reformulando até hoje. Podemos observar a criação de uma nova territorialidade desse povo, até mesmo como estratégia de sobrevivência. Pereira (2010b) demonstra essa visão parcial analisando os relatos de jesuítas e clérigos.

A imagem dos Guaranis que se desprende dos escritos de alguns clérigos que estavam na conquista do Paraguai reproduz, em parte, a própria visão dos conquistadores, mas também dela se diferencia pela intenção específica que esses padres têm sobre os índios, que é a sua conversão. Olhado como ainda não cristão, o modo de ser do Guarani é julgado pela distância e o contraste com a ética cristã vivida ao modo espanhol da época. (Pereira:2010 b :23)

Todas as culturas que foram denominadas indígenas sofreram um forte impacto entre os séculos XVI e XVII. O processo de penetração colonial atingiu de modo singular os Guaranis (Monteiro, 1992). Eles desenvolveram estratégias próprias que visavam não somente mera sobrevivência, mas a constante recriação de sua identidade, do seu modo de ser frente às condições progressivamente adversas. Muitas discussões sobre a mudança cultural e a legitimidade da identidade indígena foram levantadas ao longo da história. Dentro das aldeias guaranis, certos domínios da cultura estão totalmente abertos para influências vindas de fora, ao passo que em outros costumes, é muito forte o apego aos padrões tradicionais (Schaden 1974).

3.1. Os grupos guaranis

Os Guaranis formam uma grande família lingüística do tronco Tupi, mas eles se autodenominam diferentemente dependendo da região. Essas diferenças e semelhanças se modificaram ao longo da história, as constantes migrações reorganizam esses subgrupos (Shaden ,1974 e Pereira, 2010 a). Existem, porém três subgrupos principais: Mbya, Kaiowa e Nhandeva. Esses subgrupos possuem uma linguagem, que apesar de terem muitas semelhanças apresentam algumas diferenças entre si. Essas diferenças são, sobretudo lingüísticas mas traduzem-se

também em diferenças na cultura material e não material. Mas acima dessas diferenças indiscutíveis, há elementos idênticos ou semelhantes em virtude dos quais um bando apresenta uma unidade em relação a outras tribos.

Os Guaranis distinguem ações boas e más, indivíduos bons e maus, mas não reconhecem responsabilidade moral. O indivíduo é bom ou mau por natureza, não havendo livre arbítrio, mas uma qualidade inata que obriga o indivíduo a agir de determinada forma (Litaiff,1996 apud Cardoso,2000). Existe a idéia de reencarnação, assim como a crença na dualidade da alma: o ñe'e, de origem divina, e o teko achy kue, de origem telúrica. A primeira significa falar, ou linguagem humana, e seria responsável pelos sentimentos e manifestações mais nobres do indivíduo, representando o meio de comunicação com Deus (Ñanderu); a língua Mbyá, portanto, é uma extensão da alma ou, a alma Mbyá é a própria língua Guarani. A função desta alma é conferir ao portador o dom da linguagem e, por conseguinte, o dom da reza, mostrando que a língua Mbyá é sagrada. A alma telúrica significa “alma de defunto”, fonte da vida imperfeita, constituindo a porção grosseira e terrena da alma humana, estando ligada ao profano, aos desejos e às paixões. Essa parte da alma aumenta à medida que o ser humano cresce e se expõe às tentações da vida, e após a morte, ela converte-se em angue ou angüêry, fantasma muito temido pelo poder de causar doenças (Ladeira e Azanha, 1988; Littaif, 1996 apud Cardoso, 2000). A continuação cultural é garantida pela preservação de dois aspectos fundamentais: a língua e a religião.

O termo mbyá para designar um subgrupo Guarani aparece na literatura histórica apenas na segunda metade do século XIX substituindo a designação ‘kaáygua’, cuja tradução pode ser os que habitam as matas.

Numa das narrativas míticas mbyas guaranis, no ciclo da criação, o mundo teve suas partes destinadas a eles: as florestas e seus animais. A outra parte, o campo e seus animais como o boi foi destinadas aos juruás (brancos). Com o passar do tempo os brancos não satisfeito com sua parte avançaram sobre a florestas com campos e cidades e até as florestas passaram a pertencer aos juruás (Estado do Rio Grande do Sul, 2010).

Entre os M'byas- Guaranis, existe na memória coletiva o que chamam de mbyá reta, o território que abrange uma vasta área integrando partes do Brasil,

Argentina, Paraguai e Uruguai. Esse território formado por pontos de passagem e algumas centenas de aldeias interligadas por redes de parentesco que implicam em constante reciprocidade de pessoas e de recursos naturais entre aldeias e famílias que ocupam esse espaço geográfico. É um território geográfico amplo, não contínuo, compartilhado por distintas sociedades e conservado, compartilhado por meio de intercâmbio, da manutenção e formação de aldeias em locais estratégicos, com referenciais simbólicos e práticos.

3.2. A História da migração Guarani

A História da migração Guarani antes da colonização é baseada em teorias que divergem umas das outras. Segundo a teoria mais aceita pelos cientistas, os povos indígenas da América são procedentes de migrações de povos asiáticos, que alcançaram a América através do Alasca. De lá, eles provavelmente desceram ao longo do continente americano até atingirem o extremo sul da América do Sul (Shaden, 1974).

De acordo com Jecupé (2001) a trajetória da “Nação Tupi-Guarani” levou entre 12.000 e 15.000 anos. O autor se baseia em estudos arqueológicos que utilizam cerâmicas, sambaquis e grafismos afirmando que existiram várias etapas de transformações culturais, sendo a mais recente a conquistada América do Sul.

Fausto (1992) afirma que existem duas grandes teorias de expansão Tupi Guarani na costa brasileira.

A idéia dominante é a de um movimento migratório de sul para norte a partir da bacia Paraná Paraguai, onde Tupinambá e Guarani teriam se separado. Métraux sugere que a dispersão litorânea era um fato recente na época da conquista, dada a identidade cultural de vários grupos que ocupavam a costa . O segundo modelo mais recente baseado na interpretação de dados arqueológicos, inverte o sentido do deslocamento tupinambá. Brochado acredita que, a partir de um nincho originário amazônico, teríamos dois movimentos migratórios de orientações diversas :os proto-Guaranis teriam rumado para o sul via Madeira-Guaporé e atingido o Rio Paraguai,espalhando-se ao longo de sua bacia desde o início da era cristã (...); já os proto-Tupinambás teriam descido o Amazonas até sua foz,expandindo-se em seguida oeste-leste e depois norte-sul (Fausto1992:382) .

Pereira (2010) resgata relatos mitológicos dos povos guaranis e afirma que o discurso histórico se difere dos mitos e da prática. Para os Guaranis existiam originalmente quatro povos: Mongólicos, negros, vermelhos e brancos. Miticamente tem-se um discurso, historicamente tem-se outro e na interpretação da prática ainda outro.

Dizem que os primeiros que desapareceram foram os Karai, os da costa, que eram brancos, que foram dizimados ou que se miscigenaram com os colonizadores; mas que havia também povos vermelhos (ruivos?), e que quando os Guarani chegaram aqui no sul, aqui viviam povos negros; que os mongólicos foram os últimos a chegar no continente, mas bem antes da chegada dos europeus, porém todos esses dizeres se diluem e não são levados à sério, mesmo tendo sido encontrada a ossada de Lusía uma negra com mais de dez mil anos, em Minas Gerais, a mais antiga ossada humana encontrada (Pereira, 2010:28).

Nota-se, portanto, que a História contada pelos colonizadores difere dos mitos indígenas. O que evidência a limitação das fontes históricas disponíveis que além de contarem a história a partir da visão do colonizador, só possuem relatos após do século XVI. A organização territorial que precede a chegada dos europeus pode ser intuída através de estudos arqueológicos e lingüísticos. Mas os mitos também podem ser fontes relevantes para resgatar as histórias mais antigas dessa cultura.

Existia uma homogeneidade cultural e linguística antes do contato com os europeus (Fausto,1992 e Soares, 1997). Existem terminologias de parentesco entre os guaranis do Paraguai e os Tupinambás do litoral, semelhante tanto quantitativamente quanto qualitativamente. Pressupõem-se uma unidade cultural que permite fazer uma analogia entre os Guaranis e os outros grupos da família linguística Tupi –Guarani. O grupo foi dividido em dois grandes grupos. Os que migraram para o Sul e são denominados Guaranis, que ocupavam da Lagoa dos Patos até Cananéia e os Tupis, que dominavam a faixa litorânea de Iguapé até pelo menos a Costa do Ceará (Soares,1997:382). Sendo que essa territorialização não era contínua. Existiam, porém, outras tribos que mudavam de território ao longo da história devido a escassez, as guerras entre as tribos e com os colonizadores (Fausto,2002).

As mesmas fontes que afirmam uma unidade cultural e linguística afirmam por outro lado uma imensa fragmentação no que diz respeito a uma organização político-territorial (Moreira, 1991).

Os povos Guaranis estão localizados em mais de um país da América do sul. Indivíduos se espalham por Bolívia, Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai. Os Guaranis tem capacidade de conciliar a influência da colonização com a sabedoria de seus antepassados (Pereira b,2010), mantendo-se vivos como uma das maiores

populações indígenas da América do Sul, e influenciando outras culturas e sociedades. O Brasil com muitos costumes e palavras, e o Paraguai como segunda língua o Tupi Guarani são alguns exemplos dessa influência.

A violência sempre fez parte da relação entre os colonizadores espanhóis e portugueses e os povos guaranis. Nos campos da Argentina, Paraguai e sul do Brasil, os indígenas entraram em conflito com no começo do século XVIII com os Jesuítas. Esses visavam reduzir a área ocupada pelas aldeias dos guaranis a fim de disponibilizá-la para os espanhóis e plantadores de mate. Isso acarretou em uma mudança na forma que os guaranis mantinham com seu território. Na concepção dos Jesuítas, para que os guaranis pudessem ser submetidos à vida política e humana, isto é, civilizada deveriam manter-se confinados em uma área restrita onde podiam ser controlados. Esse trabalho dos Jesuítas aliado à violência dos plantadores de erva mate e as investidas da tropa do governo, muitas vezes resultavam em extermínios de grupos guaranis.

Os grupos guaranis se embrenharam cada vez mais dentro das matas e os poucos que aceitavam viver sob domínio dos Jesuítas faziam estrategicamente procurando espaço onde a pressão fosse menor para depois fugirem novamente. Essa resistência por parte dos grupos guaranis se evidencia nas palavras de um cacique:

Vejo que se vai perdendo a liberdade antiga de andar pelos vales e selvas! È porque esses sacerdotes estrangeiros nos amontoam em povoados. Isso não se faz em nosso bem, mas para que ouçamos uma doutrina tão oposta aos ritos de nossos antepassados (Montoya 1985 apud Pereira).

Esses fatos impulsionaram uma busca cada vez maior por outras terras. Os Guaranis, assim como outras tribos, além de sofrerem violência física por parte dos colonizadores, foram dizimados por doenças e expulsos quando as florestas eram transformadas em campos a busca da terra sem males muitas vezes era movida pela esperança de encontrar um local onde podiam viver em paz.

3.3. A religiosidade como inspiração: O mito da terra sem mal

Um dos grandes motivos da migração Guarani, é de cunho religioso (Pereira,2010 b; Cunha,1991; Moreira, 1991; Jacupê,2001; Schaden,1974). Existe dentro da mitologia Guarani, que é difundida pelos Pajés e pelos Xamãs, a

existência de uma terra sem males. Em suas migrações através da América do Sul, os tupis-guaranis eram orientados por líderes religiosos, os pajés, que lhes prometiam um paraíso ao final da jornada: a chamada "terra sem males" (em guarani, *Yvy Marae*). A terra sem males é para os guaranis, uma terra ideal onde se localizam todos os desejos. Os Mbyas pelo menos até 1974, ainda prosseguiram o seu movimento migratório em busca dessa terra. A terra sem males, segundo os mitos, se localiza além mar em direção a leste (Shaden, 1974).

Os estudos das migrações Guarani são importantes para se compreender muitos dos grupamentos contemporâneos e suas relações espaciais com a região aonde se estabeleceram e com a região de origem, principalmente porque, essas migrações quase sempre tiveram motivação religiosa, como a busca da Terra-Sem-Mal e hoje, esses locais estabelecidos (Tekowa), servem como ponto de abrigo aos viajantes, posto que os Guarani circulam muito “visitando os parentes”, embora deslocamento de grandes grupamentos não se tenha notícia no presente, apenas de grupamentos relativamente pequenos envolvendo uma família grande e agregados, em torno de 30 pessoas, como no caso do grupamento que se deslocou da Argentina, passando pela ilha da Cutinga, por Superagui e que hoje se encontra na ilha do Cardoso. Schaden relata assim as migrações que presenciou:

As migrações mais recentes foram as de alguns Mbya do leste paraguaio e nordeste Argentino que, atravessando o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e o Paraná, chegaram ao litoral de São Paulo. Tenho notícias de três grupos, um vindo por volta de 1924, outro vindo em 1934 e um terceiro, que chegou em 1946, igualmente vindo do Paraguai meridional, de território contíguo à província argentina de Misiones. Destes três bandos, os primeiros dois já estiveram no Espírito Santo, em Minas Gerais e no Araribá, vivendo agora parte na aldeia do Rio Branco e alguns poucos remanescentes no estado do Espírito Santo; o terceiro, depois de conviver algum tempo com os companheiros do Rio Comprido, na Serra do Itariri seguiram caminho. Não se pode afirmar que esteja encerrado definitivamente o ciclo das migrações Guarani em direção ao litoral. Ainda em meados de 1947, encontrei no oeste catarinense, na região de Chapecó, várias famílias Mbya, que manifestavam a intenção de ir até o litoral, a fim de se reunirem a seus parentes e amigos. “Haviam realizado parte da viagem e estavam à espera da ordem divina para levá-la a cabo”. (SCHADEN, 1974: 5).

Outro relato que traduz essa crença claramente está presente na obra de Pereira (2010 a), conta a experiência do antropólogo Nimundaju (1987), que conviveu com um grupo de Guaranis originários do Paraguai, durante uma migração religiosa. Segue um trecho do próprio Nimundaju:

Em maio de 1912 encontrei, para surpresa minha, um acampamento de um pequeno grupo de Guaranis paraguaios a apenas 13km do oeste de São Paulo, num pântano as margens do Tietê. Eram autênticos índios da floresta, com lábios perfurados e arco e flechas, sem conhecimento do português e falando apenas algumas palavras em espanhol. Era o que restava de um grupo maior que aos poucos no caminho havia ficado reduzido a seis pessoas. (...) Eles queriam atravessar o mar em direção a leste; tamanha era sua confiança no sucesso desse plano, que quase me levou ao desespero. Aliás, não se podia se falar de outro assunto com eles. (...) Em vão citei outros exemplos que conhecia de pajés que tinham sido obrigados a desistir. (Nimuendaju *apud* Pereira 2010:30).

O autor conta que tentou a todo custo convencê-los de desistir da ideia, alertando-os sobre a possibilidade de eles serem detidos pela polícia ou o governo. Argumentou ainda, que seria muito mais vantajoso para eles irem para a reserva cedida pelo Governo, pois teriam água boa, caça e pesca. Depois disso o autor conta que acompanhou a trajetória da tribo, que passou pouco tempo na reserva, e depois partiu novamente para buscar a terra sem males.

Esses exemplos demonstram o quanto às migrações religiosas muitas vezes se sobressaíram a aspectos fundamentais da vida social. Essa migração aconteceu por muitos anos, até os Guaranis perceberem a necessidade real da luta pela terra, como condição essencial para manterem sua identidade. Essa mudança de paradigma está explícita no discurso da líder espiritual D. Maria Tataxi que residia na tribo de São Vicente em São Paulo, que já previa esse novo padrão migratório Mbya:

Vocês precisam ser fortes e unidos. Terão com os brancos muitas dificuldades em relação à terra. Precisa ter firmeza, ficar mais, morar anos e anos no mesmo lugar. Tem que cultivar muito, fazer plantios, plantar milho, mandioca (...). Antigamente, tinha espaço livre para andar, hoje é muito diferente. Os brancos se apoderam da terra como se fossem donos, o dono verdadeiro é Ñhanderu Tenonde, ele é o verdadeiro dono e ele decidirá pela terra, ele sabe como está a terra. Nós, filhos caçulas, temos que morar, construir uma aldeia nos meios dos matos e viver bem, em paz, juntos em harmonia com a natureza porque isso foi Ñhanderu mostrou pra nós, pra nós viver desse jeito.(...) Ñhanderu fez a terra para todos os filhos deles e os brancos devastaram os matos, destruíram quase tudo e o pouco que restou, aquele que é bom já tem dono, os brancos levaram tudo e hoje em dia é difícil achar um lugar que convém, que é bom pros Guaranis.(Ciccaroni,2001,apud Pereira,2010:31)

Essas palavras demonstram quais as prioridades dos povos Guaranis que buscam reafirmar sua cultura precisando reinventá-la para que ela sobreviva aos novos tempos. Essas mudanças não significam, porém, o fim das migrações e sim uma nova posição na experiência dos Guaranis contemporâneos (Pissolato , 2007 apud Pereira , 2010 a). A possibilidade de deslocamento está presente tanto na

forma de famílias extensas em busca de novos lugares para morar, como em indivíduos em busca de novas aldeias. Um aspecto importante nas migrações atuais é a busca de novos contextos de vida, nos quais indivíduos ou grupos possam encontrar satisfação e alegria no convívio com seus semelhantes. A doença, a morte e fome, são motivos suficientes para os deslocamentos, mas também o conflito entre parentes as separações matrimoniais encontram soluções no caminhar. Nesse sentido a circulação de pessoas entre essas terras indígenas é significativa.

3.4. Os Guaranis M'byas da praia de Camboinhas

A tribo residente da praia de Camboinhas ocupa a área desde 2008, são membros do grupo denominado Guaranis M'byas. A aldeia chamada por eles de Tekoa Itipu ou aldeia das Sementes, é composta por dezessete famílias dessas, sete são filhos da pajé da aldeia Dona Lídia, sendo que o Cacique é seu filho mais velho Darci Tupan.

Os membros dessa família residiam nas aldeias localizadas no município de Paraty nas localidades de Araponga e de Parati Mirim, no estado do Rio de Janeiro com outras famílias. Devido a algumas desavenças, mudaram-se para Niterói.



Figura 6: Localização da aldeia estudada.
Fonte: Rizzo, 2008.

Logo no começo da ocupação da aldeia em Camboinhas um incêndio criminoso queimou todas as ocas. O atual diretor do INEA, André Ilha, tentou remover os índios para um abrigo da prefeitura, mas os índios se recusaram com arcos e flechas na mão. Após o episódio receberam apoio e doações de várias pessoas inclusive artistas da Rede Globo de Televisão e puderam reconstruir suas ocas, ganhando o apoio de intelectuais, moradores e artistas.



Figura 7 Oca da aldeia de Camboinhas.
Fonte: Arquivo pessoal. Dezembro 2010.

É importante enfatizar o contexto social em que estão envolvidas as populações tradicionais que residem em Parati. Comunidades quilombolas, caiçaras e indígenas vêm se reunindo periodicamente para discutir seus direitos e fortalecer sua identidade, o que proporciona um fortalecimento político dessas populações e condições de estabelecer melhores argumentações na luta pelos seus direitos.

O local escolhido fica situado às margens de um sambaqui datado em cerca de oito mil anos, esse é um dos principais argumentos utilizados pelos índios para justificarem a escolha desse local para a construção da aldeia.



Figura8. Sambaqui duna grande ao fundo.
Fonte: Arquivo pessoal. Dezembro 2010

Darci, o cacique da tribo, participa de uma formação para professores indígenas de diversas etnias para que esses atuem nas escolas de suas aldeias. Essas aulas procuram ensinar a ciência e fortalecer os valores indígenas. Na aldeia além de serem ministradas aulas para crianças, é ensinada a língua guarani para pessoas dentro e fora da tribo.



Figura 9. Escola da aldeia.

Fonte: arquivo pessoal. Dezembro 2010.

Pereira (2010 a) pesquisou os Guaranis M'byas da atualidade, inclusive o grupo que reside em Camboinhas. Ele após a convivência com grupos Guaranis, conclui que a formação de uma aldeia se fez por diversas bases, de modo que a presença de terra para pescar, caçar e plantar são muito importantes, mas não imprescindíveis. Em conversas com Darci e com a Dona Lídia, eles disseram que lá em Camboinhas é bom para vender artesanato e pra pescar, mas é ruim para plantar.

Os membros da aldeia de Camboinhas possuem outras atividades econômicas além de pescarem e fazerem algumas roças, vendem bebidas em um bar na entrada da aldeia; comercializam sapê que coletam da lagoa para os quiosques da região.